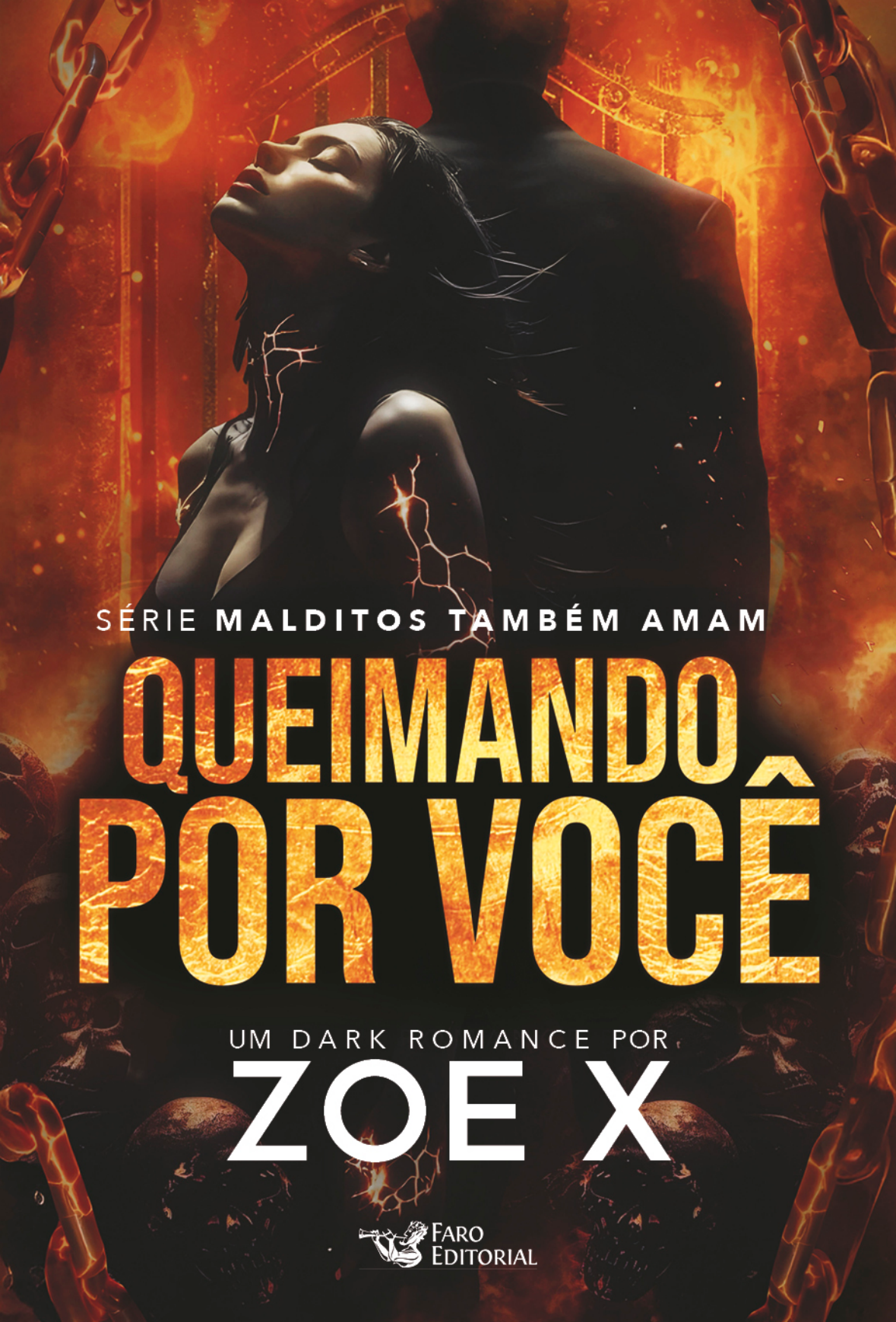




SÉRIE MALDITOS TAMBÉM AMAM

QUEIMANDO POR VOCÊ

UM DARK ROMANCE POR

ZOE X



FARO
EDITORIAL



AVISO DE GATILHOS

ESTE É UM DARK ROMANCE, UM SUBGÊNERO DO ROMANCE ADULTO QUE MERGULHA NAS PROFUNDEZAS DO SER HUMANO. AQUI NÃO EXISTE A INTENÇÃO DE GLORIFICAR A DOR, A VIOLÊNCIA OU O CRIME.

O que existe é a **EXPLORAÇÃO DE TEMAS SOMBRIOS COM HONESTIDADE**, sem a obrigação de purificar o que é sujo nem suavizar o que incomoda.

A ficção não tem a função de ensinar o que é certo ou errado; ela existe para provocar, questionar e permitir que o leitor enxergue a si mesmo sob outra luz.

Aqui, os personagens são **imperfeitos sem pedir licença** e talvez você se sinta confusa ao amá-los, mas isso faz parte da experiência. O dark romance brinca com sua visão de certo e errado, testa sua empatia e sua disposição em olhar para o que é feio, mas real.

Ainda assim: este é um espaço de **FICÇÃO**.

Você pode se deixar envolver e, ao mesmo tempo, se proteger.

Pode sentir, se afastar e voltar quando quiser. O importante é saber que aqui dentro há temas sensíveis como: violência gráfica, abuso e exploração sexual, trauma psicológico, ideação suicida, uso e abuso de substâncias lícitas e ilícitas e uma ou outra coisa que possa pegar alguma ferida pessoal. Em algum momento, se algo te pesar, **RESPIRE**.

A arte não foi feita para ferir, mas para tocar e, às vezes, para lembrar que até no escuro existe algo a ser compreendido.

Tenha uma boa viagem, espero que você sinta.

Z O E X

**QUEIMANDO
POR VOCÊ**

SÉRIE MALDITOS TAMBÉM AMAM

*Eu sei que doeu tirar a faca do seu coração, que você
quase não resistiu ao estancar o sangramento, mas,
amor, você precisa seguir.*

*Limpe a carne podre, resista ao processo de limpeza,
espere com paciência os cortes se curarem.*

*Juro que, no futuro, isso não vai doer nem quando
tentarem enfiar os dedos na ferida que não existe mais.*

Não fará nem cócegas.

Nesse dia, lembre-se de mim.

Eles passam, mas e nós? Nós sobreviveremos.

CARTA DA AUTORA

In Memoriam:

Alexandra Gonçalves dos Santos 28/08/1978 a 11/06/2025

ALÊ,

eu ainda não superei perder você.

Quando fui te ver pela última vez, na merda da UTI do HC, que sempre será uma questão pra mim, eu te contei sobre esse contrato, mesmo que você não pudesse ouvir, mesmo sabendo o que ia acontecer.

É idiota da minha parte ter tido um pingão de esperança naquela tarde de que seria diferente?

Esta porra de livro era pra ser uma surpresa pra você. Mas e agora?

Você não vai poder ler, não vai ver o que eu fiz com o seu personagem favorito do meu universo.

Talvez tenha sido por isso que o cuidado com esta história se tornou dobrado. Eu não queria te decepcionar.

Alê, perder você me fez revisitar o cemitério que existe dentro de mim.

Olhei pra dentro, pra cada cadáver meu que larguei solto, sem velório, sem cova, achando que ignorar aquelas malditas memórias e dores faria tudo sumir.

Por sua causa, descobri que estava apodrecendo por dentro e que, se não cuidasse de cada uma daquelas versões minhas que você viu morrer nos últimos anos, não poderia continuar fazendo o que faço.

Foram você, as minhas mortes e os meus mortos que me trouxeram até aqui.

Foi a sua falta que me fez entender o quanto era importante honrar meus mortos e ressignificar o que sobrava depois dos meus próprios enterros.

Essas versões do Benjamin e da Valentina me encontraram perdida, exausta, com dores tão absurdas que eu não sabia se teria espaço pra falar por eles.

E quando me abraçaram, dizendo que cuidariam de tudo, quase não acreditei que isso pudesse acontecer.

Alexandra, a tua vida e a tua morte, tua presença e tua essência me deram coragem pra sentar e tentar escrever isto aqui, e eu confesso: apanhei igual a uma filha da puta no começo.

Mal tinha 20 mil palavras arrastadas quando precisei pedir mais um mês de prazo. Nesse tempo, abri nossa conversa no WhatsApp e reli tudo o que podia.

Me apeguei a nossa foto na sessão de Amor Profano, à polaroide de nós duas no seu último aniversário que fica no meu altar, a todos os presentes que você me deu e às memórias que só eu tenho.

Só depois de encarar essa dor, de chorar do jeito que eu precisava, como não fazia havia anos, é que consegui recomeçar.

Escrevi estes dois com uma fúria e uma sede que não sentia havia muito tempo.

Olhei pro texto, pro que ele fazia comigo conforme crescia e, mesmo ficando três semanas praticamente sem dormir, quase enlouquecendo todo o meu time, descobri que estava viva de novo, mas você não estava aqui pra comemorar comigo.

Foram 120 mil palavras em um mês.

Por você, porque agora todo mundo que ler este livro vai saber e sentir o quanto me doeu e ainda dói não ter você aqui.

E por mim, porque eu precisava muito de um recomeço como esse.

Alê, dizer “eu te amo” agora seria muito pouco. Aqui, minha amiga, você vai viver pra sempre. Aqui, você se torna imortal.

Queria voltar no tempo e te abraçar mais uma vez, mas espero que meus mortos tenham te recebido de braços abertos do outro lado, dando o abraço que eu queria poder dar.

Prometo te honrar daqui. Com amor e (muita) saudade, Zoe X

PRÓLOGO



BENJAMIN FALKENBERG

HOIST THE COLOURS, HANS ZIMMER

O CIGARRO QUEIMAVA ENTRE MEUS DEDOS, A BRASA FRACA LUTANDO CONTRA O vento salgado do oceano. A única luz quente em meio àquele véu azul-acinzentado e escuro.

O balanço do barco era lento, hipnótico, mas não havia nada de pacífico naquilo. O cheiro de álcool ainda impregnava minha respiração, misturado ao ferro seco do sangue que eu não tive tempo de lavar depois da última briga inconsequente.

Estava pensando em como a cadeira se quebrou contra o corpo do homem irritante quando, no silêncio, aconteceu:

O arrepio quente veio, começando na base da minha nuca, descendo pela lateral do corpo como um sopro fantasma. Um aviso.

Não precisei olhar para saber. Ela estava ali.

A Morte.

Não um presságio. Não um vulto: uma mulher.

De vestido escuro e pernas cruzadas, ela veio com sua paciência sepulcral. Os cabelos negros balançavam ao vento como um rio sombrio descendo por seus ombros. Já o rosto... esse, a sombra escondeu.

Mas eu sabia. Sempre soube. Ela me observava. E se divertia.

Talvez eu fosse só mais um servo. O mais próximo de um amante. O mais querido entre seus amigos.

— Para onde você vai? — A voz veio baixa, suave, mas poderosa. Dei uma tragada longa antes de responder:

— Cumprir minha missão, senhora. — Podia jurar que ela queria rir, mas não me amedrontei. — Vou alimentá-la.

Ela sorriu. Não precisei ver para saber. Apenas senti.

— Você não sabe de nada, Benjamin Falkenberg.

Segurei o cigarro com a boca. Meus olhos se prenderam aos dela, mesmo sem enxergá-los.

— Gostaria de me contar? — Meu atrevimento teve seu preço. Ela se moveu.

Os dedos ossudos deslizaram pelo próprio joelho, pele fina, quase translúcida, girando um anel de viúva. Seu corpo se inclinou na minha direção.

Meu coração disparou, mas permaneci imóvel quando o vento trouxe o cheiro dela. Madeira queimada e rosas secas.

A boca dela se abriu, e eu soube que não gostaria do que viria a seguir.

— Você irá morrer. — Dessa vez, a voz foi quase bestial. O barco gemeu contra a água.

A madeira estalou.

O motor roncava como um animal adormecido.

A Morte inclinou a cabeça, como se me estudasse.

— E irá morrer muito em breve.

O vento soprou forte.

Pisquei por um segundo, e ela sumiu.

O silêncio voltou ao convés.

O mar se movia devagar, indiferente ao que havia acabado de acontecer. Soltei o cigarro. A brasa brilhou antes de afundar na escuridão da água. Afastei-me da borda, respirando fundo.

Ainda tinha trabalho a fazer.

Talvez, com mais almas para carregar, ela me desse tempo...

CAPÍTULO 01



VALENTINA

YOU DON'T OWN ME, SAYGRACE FEAT G-EAZY

PARABÉNS PRA VOCÊ, PARABÉNS PRA VOCÊ. PARABÉNS PRA VOCÊ-Ê. PARABÉNS PRA *você!*, cantei mentalmente.

As palmas das minhas mãos estavam doloridas tamanho o meu entusiasmo ao batê-las. Encarei-as, procurando o que havia de errado, mas não soube por onde começar a entender. Talvez fosse o fato de que aquele corpo, o meu corpo, só tinha cinco anos.

Aquilo estava certo?

Naquela minha visão em preto e branco, minhas mãozinhas acinzentadas eram quase do mesmo tom do sofá em que estava sentada.

Mamãe também era cinza. Vi quando seu vulto passou pela porta da cozinha e balancei os pezinhos, ansiosa.

— Mamãe? — tentei chamá-la, mas foi aí que percebi: não havia som. O problema era minha voz?

Me levantei e, virada para a cozinha, chamei de novo:

— Mamãe?

Mais uma vez, apesar de a minha boca se mexer, de sentir a saliva umedecendo as cordas vocais o bastante, não houve som.

Estava prestes a correr em sua direção, mas algo aconteceu.

Um estampido me obrigou a virar para a televisão de tubo, do outro lado da mesinha de centro onde meu bolo de aniversário descansava.

Voltei a me sentar quando a tela ficou cheia daquela zona de pontinhos pretos e brancos, fazendo um barulho ensurdecedor.

Como?

A curiosidade me manteve sentada.

De repente, aquele objeto ganhou luz, formas e cor. Não consegui me mover. Era bonito ver.

A garota na tela vestia camisolas como nas revistinhas de roupas íntimas que mamãe vendia no bairro. Era tudo vermelho. E vibrava.

Hipnotizada, assisti quando ela abriu a porta e um homem completamente cinza entrou. Eu não gostei dele, mas, de repente, não pude ver muito mais.

Mamãe apareceu e ficou em minha frente.

Por um momento, tive raiva. Queria continuar assistindo ao filme, mas, olhando com atenção, percebi que não me lembrava de suas pernas e braços serem tão compridos, assim como seu pescoço não deveria ser tão longo a ponto de eu não poder ver sua face.

Para piorar, ela não me deixava ver a tela, mesmo que eu me esticasse para espiar. Ouvi a música, também ouvi risos e palavras esquisitas.

— Você gosta de ser uma menina malvada? — Era o homem cinza.

Ou era minha mãe?

A voz vinha disforme, de cima, mas tudo o que eu via era o teto escuro, onde seu rosto deveria estar.

Franzi as sobrancelhas.

Eu gostava?

Tentei me esticar para a direita e continuar espiando a garota de vermelho, o gradil de mamãe se mexeu para o lado, mas pude ver algemas girando.

O que era aquilo? Um filme policial? Eu gostava da polícia, eles eram bonzinhos e prendiam homens malvados.

— É seu aniversário, você já é grandinha, quer acender as velas? — A mesma voz.

Definitivamente, era mamãe.

Olhei para a mesinha de centro e, magicamente, em frente ao bolo, uma cartela de fósforos surgiu.

Minhas entranhas pareciam brilhar, como se algo radioativo tivesse me consumido. A felicidade e a empolgação me fizeram pegar aquilo às pressas. Quando risquei o primeiro, se quebrou.

— Você tem mais quatro chances, não as desperdice, meu amor.

O segundo acendeu e morreu.

O terceiro voou apagado pelo chão.

O quarto não tinha cabeça. Mas o quinto... O quinto brilhou.

O fogo quebrou o cinza, o laranja cresceu na minha íris, e de repente meu peito começou a se aquecer.

— Acenda sua vela e cante seus parabéns.

— *O que você está fazendo?* — a televisão falou, mas eu não queria mais saber.

Eu seria uma garota grande.

Estiquei a mãozinha com o fósforo queimando e acendi o pavio, assistindo lentamente até o fogo tomar o barbante, se expandindo, ganhando força, iluminando tudo com uma violência tão doce que eu não conseguia me afastar.

Valentina, chega.

— Parabéns pra você... — Desta vez, minha voz saiu.

Valentina, se afaste!

— Parabéns pra você... — A moça da televisão cantou junto.

Meu Deus, alguém arromba aquela porra de porta.

— Parabéns pra você-ê...

Não havia mais um quarto cinza.

Não havia mamãe.

Eu não tinha cinco anos.

Era só aquela merda de quarto, com mais um maldito na minha frente, mas eu só conseguia ver minha vela queimando.

— Parabéns pra você. — Terminei de cantar sob os gritos dele, mas minha gargalhada foi ainda mais alta.

A porta abriu num estrondo.

— Caralho, quem revistou ele? Ela não pode ficar perto do fogo, porra!

— Ela... Meu Deus, ela queimou o pau dele.

Não sabia quem falava.

Não via nada além do homem algemado e nu na minha frente.

Minha única felicidade foi que me acertaram um soco no rosto e eu apaguei antes de o fogo ser apagado.

Odiava quando ele deixava de brilhar.

Odiava ser testemunha de mais um fracasso.

CAPÍTULO 02



BENJAMIN FALKENBERG

HOTEL CALIFORNIA, EAGLES

AGUENTA FIRME, AGUENTA FIRME. AGUENTA FIRME, CARALHO.

Os pés dele já não acompanhavam meu ritmo, e isso me fez erguer a cabeça, olhando para trás no mato alto, procurando qualquer ameaça.

Ainda não era seguro. Tínhamos, no máximo, cinco minutos de vantagem antes de algum filho da puta apontar na nossa direção.

Ajeitei a mão ao redor do corpo do capitão. Engoli em seco ao sentir a camisa empapada de sangue e, enquanto o medo me atravessava, arqueei com a maior parte do seu peso, arrastando-o até a estrada.

Sua respiração, mais lenta e profunda, junto da ausência de palavrões saindo daquela boca maldita, comprovava o que eu tanto temia: a situação era pior do que eu imaginava. O gramado gasto ao lado do asfalto me deu alguma esperança, mas, quando ergui o olhar, senti a frustração me socar o estômago.

A caminhonete que deveria estar parada ali, ao longo da via, pronta para nos resgatar, não existia.

— Porra — reclamei, colocando Monroe deitado no chão. — Aguenta firme, Cap. — Peguei o celular do bolso, tentando não demonstrar a preocupação que sentia, e disquei o primeiro número salvo.

— Pare de me olhar assim, porra — o capitão rosnou, tentando erguer a cabeça para ver o ferimento.

Toquei sua testa, impedindo o esforço, ouvindo o primeiro toque.

Leonardo, eu vou te matar.

— Fique parado, ou vou te nocautear. — O aviso foi sério.

O capitão riu. Seu corpo tremeu pela dor.

— Talvez você não precise. Acho que me pegaram dessa vez.

— Cala a boca, você só... — A segunda chamada veio acompanhada de uma voz.

— Estou fazendo o retorno. A polícia estranhou a caminhonete parada, não tive o que fazer. — Leo parecia nervoso, não dava para piorar as coisas.

— Rápido. O capitão foi atingido.

A urgência na minha voz finalizou a ligação.

Encarei o corpo deitado no chão. Monroe começava a ficar grisalho. A barba e o cabelo escuros ganhavam pequenos pontos cinzentos que, na pouca luz, quase não apareciam. Para um homem de cinquenta e dois anos, se é que ele tinha mesmo essa idade, ainda era bem forte, e com quase 1,85 de altura, tomar um soco dele não era uma boa ideia.

Por um segundo pensei em quanto ele ainda aguentaria.

O arrepio quente do lado esquerdo do corpo trouxe algo que eu não sentia havia muitos anos. Eu queria chorar.

Enchi os pulmões o máximo que consegui e preendi a respiração.

Por favor, Morte, ele não...

O cheiro de sangue impregnava tudo.

Eu ia chorar. Porra. Eu não queria, não podia, mas ia.

Por sorte, a luz amarelada surgiu na estrada. Ergui o rosto e, mesmo com a visão turva, reconheci o carro que Leo havia arranjado.

Esfreguei o braço no rosto, fingindo limpar o suor, e me concentrei no capitão. Ele ainda respirava.

O carro parou, mas eu já estava com ele nos braços.

— Abra a porta. — Impedi Leonardo de me ajudar com o peso e coloquei Monroe no banco, prendendo o cinto ao redor dele e fechando a porta.

Leo voltou ao volante, e eu pulei na caçamba.

Senti o motor vibrar quando ele acelerou. Misteriosamente, nenhum filho da puta veio atrás de nós. Mas eu voltaria por eles, cedo ou tarde. Aquilo não ficaria impune.



O homem que nos levou até a embarcação não fez perguntas.

Enquanto o motor do barco nos empurrava pela água, Leonardo parecia prestes a vomitar na minha frente. Sua pele branca ganhava um tom esverdeado. Com toda a sua jovialidade exposta nos cabelos compridos, presos em um rabo baixo, escondidos por um boné com a aba para trás, seus olhos claros só refletiam o desespero que eu também sentia.

O capitão poderia morrer.

Não foi fácil erguer seu corpo e colocá-lo dentro do seu amado *Piranha Irlandesa*, mas, com a adrenalina mordendo meus músculos, consegui carregá-lo até seu quarto.

Desesperado, depois de abrir a porta para que eu passasse, Leo perguntou:

— Do que você precisa?

— No banheiro lá em cima tem um kit de primeiros socorros. — Com o máximo de cuidado, coloquei o capitão sobre o colchão marcado pela maresia, tentando não pensar na possibilidade de ele pegar alguma bactéria de merda ali. — No armário também tem soro e algumas agulhas novas. Traga tudo e depois nos coloque em movimento.

— Para onde? — o caçula perguntou da porta.

Encarei Leonardo sobre o ombro e, lutando com a melhor das possibilidades, dei a ordem.

— Vamos para O Santuário.

— Mas para qual das...

Interrompi sua dúvida.

— Isso não importa agora, vá logo buscar o que te pedi, porra.

O garoto loiro sumiu feito fumaça, e eu me virei para meu amigo.

— Cap, como você está?

— Uma... merda.

— Eu vou resolver isso, só vou... — Puxei sua camisa, ainda com pontos de tecido azul intocados pelo sangue, e encontrei o que não queria.

Uma bola de fogo cresceu na minha garganta.

Procurei com os dedos o outro lado do buraco que minava sangue, mas as costas dele estavam limpas.

— Porra... — Não consegui conter o palavrão.

A bala não tinha atravessado. Eu não era o caralho de um veterinário, muito menos um médico decente para tentar operá-lo.

Tentei sentir a bala com os dedos, mas estava presa em algum canto lá dentro. Leonardo explodiu pela porta bem na hora.

— O que eu faço, como te ajudo? — Ele largou as coisas na mesa de cabeceira a meu lado e, sem pensar, eu mandei:

— Vaza.

— O quê? — Não sabia se era por não entender, ou por não me ouvir, mas repeti ainda mais alto:

— Sai daqui! — Não o queria perto caso aquilo desse merda.

A chateação dominou seu rosto, mas ele não bateu boca. Obediente, caminhou de costas até a porta e a bateu com força, deixando claro que não tinha gostado de ser enxotado. Eu não tinha tempo para birra de criança.

Fiz o que deu para lavar as mãos, usei toda a gaze que tinha para limpar o ferimento e tentei conter o sangramento da melhor forma, o que naquela situação, com o barco começando a se movimentar, não significava muita coisa.

Sem pensar direito, fiz pressão no ferimento, arrancando um grito do capitão. Percebendo que não teria o que fazer, como fui ensinado, no meio do caos, da merda e da loucura, injetei o que restava de morfina no soro e fiz meu melhor para pegar a veia dele.

Monroe ainda lutou com o efeito da medicação, mas sem opção. Fiquei ali com ele, fazendo pressão no buraco da bala, sabendo que aquilo e nada eram a mesma merda, mas eu não podia desistir.

Ele não havia desistido de mim antes.

O mínimo que eu podia fazer por ele, naquela altura, era ficar.



Não sabia quanto tempo estava ali. Com o corpo começando a esfriar, os meus machucados começaram a arder. Nem assim me movi.

Continuei pressionando o ferimento até que minha consciência pareceu se perder na contagem das respirações de Magnus Monroe, capitão do *Piranha Irlandesa*.

A homenagem dele a minha mãe, uma prostituta do porto que me deixou passar fome e ter o nariz quebrado por um cliente insatisfeito. Eu não a odiava. Não conseguia fazer isso quando a única memória amorosa que tive dela, pouco antes de eu adentrar pelas portas do inferno, parecia valer mais do que todo o resto.

Era uma noite fria. Nevava muito lá fora e o fogo era pouco. Não tinha comida, mas ela tinha uma garrafa escura na mão e lágrimas nos olhos.

Seu cabelo ruivo era igual ao meu e, um dia, já tinha sido bonita.

Naquela noite ela era um projeto de mulher, mas ainda assim me puxou para o colo, acariciou minha barriga vazia e cantou, o que devia ser uma canção de ninar, antes de dormir me abraçando, nos aquecendo para uma manhã de tormento.

Não a vi mais depois daquilo.

A fome me levou ao roubo, o roubo me levou à ralé da máfia irlandesa.

Eles precisavam de serviços leves, informação, furtos, e vivi longos anos correndo pelas ruas sem ser pego.

Até tentar roubar uma embarcação que nunca tinha visto e tomar um belo couro de Monroe. Ele tinha oito anos a mais que eu, era muito mais forte e tirou sarro da minha cara quando me chutou para fora do barco.

“Se você é um rato, vá comer restos com seus amigos em outro lugar. Ladrão que rouba ladrão merece perder as mãos. Agradeça por eu manter as suas, moleque.”

Depois de tantos anos, por algum motivo, que eu desconfiava ser a teimosia, fiquei observando o movimento dele por dias. Quando ele me notou lá, parado, me colocou para trabalhar. Monroe havia me ensinado mais do que meu pai inexistente e cuidou mais de mim do que minha pobre mãe fodida.

Vendo seu corpo febril e cansado, não tive escolha. A única forma de gentileza por tudo o que aquele homem significava para mim foi dar a ele a única lembrança de calor humano que eu tinha.

Comecei a cantarolar a canção de ninar da minha mãe. Era tudo o que tinha para oferecer.

A música fez minha pele arrepiar, mesmo contra o sangue espalhado por todo lado, quase afogando meus pulmões naquele cheiro metálico.

O rosto pálido, a expressão serena graças à medicação, a respiração difícil... Aquela não era uma cena a que eu gostaria de assistir por muito mais tempo. E, parecendo achar graça da situação, eu a vi passar.

Ela não arrastou os pés ossudos pelo chão. Ela nem mesmo riu de mim.

A Morte, na verdade, dançou.

Suas vestes puídas pelo ar acompanhavam seus movimentos enquanto girava em volta de nós dois. Ainda assim, eu não parei de cantar. Não abandonaria meu amigo com a Morte pronta para beijar seus lábios. Na verdade, estava pronto para lutar contra ela, quebrar seu crânio com um soco ou qualquer coisa que desse uma chance para aquele homem.

Mas, parecendo saber disso, ela veio por trás de mim.

Seus dedos no meu braço, mesmo que por cima da camisa, queimavam minha pele. Meu coração disparou.

Não me lembrava da última vez que ela havia me tocado com tanta naturalidade.

— Não o leve — consegui rosnar entre dentes.

A Morte moveu a cabeça para mais perto do capitão e sorriu.

— Não o leve! — falei em voz alta, pronto para brigar fisicamente com o ser que transitava entre mundos.

Mas, quando me virei para encará-la, só o seu perfume e a risada continuavam lá. Sem pensar direito, ergui a mão ensanguentada e passei pelos cabelos.

No mesmo minuto, o homem baleado tossiu, e a porta se abriu.

Nem precisei encarar Leonardo para saber que sua cara estava horrível, de raiva, de preocupação, de qualquer merda que estivesse vagando pela sua mente.

— Estamos há quinze minutos, onde eu...

— Primeira ilha, píer 32 — o capitão soprou. — Procure o russo... — Mais tosse, mais gemido, mais dor.

— Entendeu? — perguntei sem encarar Leo, contendo o corpo do capitão que começava a expelir sangue mais escuro. Sangue que não deveria estar saindo.

— Entendi.

— Ótimo. — E antes de ele bater a porta, chamei: — Leo. — Ergui o rosto, nossos olhares se cruzaram por um longo segundo. — Rápido.

A porta bateu com tanta violência que senti as ondas da tensão se espalharem pela cabine, como se houvesse algo a ser lido naquela pequena revolta do caçula do trio. Infelizmente, Leonardo era novo demais para entender o recado.

Mas eu não pude escapar, sendo atingido pela verdade com um único golpe, duro e doloroso.

Homens como nós não mereciam uma morte rápida ou limpa. A dignidade não era uma mercadoria que pudéssemos tomar.

O mundo real, o mundo em que vivíamos, era um dia de cada vez.

E, se você não tomasse cuidado, ele arrancaria sua alma antes mesmo de o corpo esfriar.

CAPÍTULO 03



BENJAMIN FALKENBERG

HOTEL CALIFORNIA, EAGLES

O MOTOR DO BARCO ENGASGOU ANTES DE TOSSIR SEU ÚLTIMO SUSPIRO.

A vibração sob meus pés cessou, e o silêncio que se seguiu foi quase mais ensurdecedor que o barulho da água cortada.

— É aqui! Pier 32! — Ouvi Leo gritar do lado de fora, a voz cortando o vento com mais medo do que força.

Não respondi. Não podia.

Minhas mãos estavam cravadas na lateral do abdômen do capitão, a gaze empapada já sem cor. Era só massa, pressão e a falsa esperança de que aquilo pudesse conter a morte por mais alguns minutos.

Monroe não respondia havia um tempo.

O pulso no pescoço ainda batia, fraco, mas batia.

Eu me agarrava a isso como um homem prestes a se afogar segura uma corda. Cada segundo era precioso. Queria pegá-lo no colo e levá-lo até alguém capaz de salvar sua vida, mas a porta da cabine seguia fechada.

Eu não podia largá-lo. Não podia abrir. Não podia fazer nada além de esperar.

Foi então que ouvi passos no casco, pesados e numerosos...

— É ele? — Era uma voz masculina, abafada, do lado de fora da porta. — É o Monroe?

— É. — A voz de Leo tremia. — Ele levou um tiro, precisamos de ajuda...

Outro passo. Outro corpo se aproximando.

— Aqui! — gritei, sem tempo a perder.

Três segundos depois, talvez menos, a maçaneta girou com violência.

Um homem grande, de barba cheia, entrou. O olhar pousou em mim, depois no capitão. O respeito caiu sobre o rosto dele como uma máscara cerimonial.

— Santo Deus... — sussurrou com sotaque pesado. — Ele está... — Não deixei que a frase fosse completada.

— Ele precisa sair daqui. Agora — falei entre dentes. — Tem hemorragia interna, e a morfina já não está segurando a dor.

Mais dois homens entraram com uma maca improvisada.

Ninguém discutiu.

Ninguém hesitou.

— Pegue os ombros. Nós levamos o resto — o barbudo falou.

Não larguei de imediato. Meu corpo inteiro resistiu.

Mas, naquele segundo, Monroe gemeu. Fraco. Quase inaudível.

— Aguenta, cap... — murmurei, levantando com cuidado, deixando que as mãos dos outros assumissem o que as minhas não podiam mais conter.

Enquanto eles carregavam o corpo porta afora, me levantei devagar, sentindo o sangue seco colando minha camisa na pele.

Leo apareceu na moldura da porta, olhos arregalados, respiração curta.

— Eles vão cuidar dele, né? Ele vai ficar bem? — perguntou.

Não respondi. Não conseguia mentir naquele momento.

Passei por Leo e saí atrás dos homens que carregavam Monroe, com o som das ondas batendo no casco do barco como a contagem de um relógio.

Cada batida, um segundo.

Cada segundo, uma chance a menos.

Isso não era bom.



Andei atrás deles mal sentindo o chão sob meus pés.

A camisa grudada no tórax com o sangue seco de Monroe fazia tudo aquilo parecer ainda mais irreal.

Só podia ser um pesadelo.

Quis que fosse realmente irreal, já que o capitão não se mexia.

Nenhum gemido.

Nenhuma contração de dor.

Porra. Não apaga agora.

Descemos pela passarela de madeira com o corpo dele oscilando entre o peso da morte e a promessa de que ainda dava tempo.

As tábuas molhadas estalavam, rangiam. A madeira tremia sob nossos pés, mas não cedia. Era firme. Era velha. Era igual a ele.

Monroe era o tipo de homem que nunca cedia, pelo menos até agora.

O barco ficou para trás com o casco batendo de leve no pilar de concreto. O som era quase bonito. Quase.

Caminhamos por pedras organizadas demais.

Simulação de jardim, simulação de ordem.

Coqueiros plantados com régua, lâmpadas amarelas penduradas em fios grossos, trepadeiras ensaiadas para esconder os muros altos.

A ilha escondia seus ossos sob fachadas de luxo, mas ali era a entrada de serviço.

Os galpões úmidos, as paredes manchadas de maresia, cercadas de gente que vivia nas bordas da riqueza, sem nunca realmente provar.

O Santuário não era para qualquer um.

Passamos por um bar que fedia a fritura velha e peixe fresco. Um rádio chiava música velha, e alguém ria alto demais de alguma piada sem graça.

Dois homens esperavam na entrada do galpão.

Roupas limpas, posturas retas. Não eram médicos. Eram filtros.

Guardiões do que pode e do que não pode entrar. E, quando viram o rosto do capitão, congelaram.

Não perguntaram o nome. Não precisavam.

Os brutamontes só baixaram os olhos e abriram caminho.

O galpão parecia uma garagem que alguém limpou às pressas.

Havia uma maca no fundo, coberta com um lençol já meio sujo de sangue, ao lado de uma caixa metálica com remédios improvisados, tudo porcammente escondido por uma cortina plástica oscilante pela brisa que escapava por uma veneziana quebrada.

Outros dois homens surgiram, ambos de branco, luvas, máscaras e o olhar de quem já viu demais.

Desconfiei que fossem médicos ou bons veterinários dispostos a mexer com qualquer tipo de animal.

Estava pronto para seguir em frente, mas uma mão no meu peito obrigou meu corpo a parar.

Ergui o rosto, pronto para brigar, mas, antes que pudesse, um deles disse:

— Só ele entra. — A voz cortava o ar feito faca.

— Eu sempre entrei com Monroe — falei sem pestanejar, o corpo pronto para briga.

— Não desta vez — o outro respondeu, olhando nos meus olhos. — Pode confiar. Ele é alguém para nós.

Mas confiar era pra quem tinha tempo, e eu já estava ficando sem isso. Mesmo assim, eu o soltei. Devagar.

Parte da minha alma ia junto de Magnus Monroe naquele segundo, e contei as batidas do meu coração conforme vi seu corpo sumir atrás da cortina de plástico.

A porta se fechou. A brisa parou.

O som do rádio voltou a crescer.

A vida voltou a girar como se ninguém ali estivesse morrendo.

Me encostei no canto mais escuro, entre uma parede rachada e um engradado de cervejas vazias. Puxei o maço amarrotado do bolso e ri ao ver que ainda havia dois cigarros sobreviventes.

Amassei o menos torto e coloquei na boca.

Acendi com o isqueiro vagabundo, laranja fluorescente de Leonardo, me irritando ao lembrar que aquela merda falhava duas em cada três vezes.

Por um golpe de sorte gasto no lugar errado, na primeira faísca, pegou. Tragui como quem respira pela última vez.

A fumaça ardeu os olhos, o gosto era de ferrugem e abandono.

Saboreei a ardência de tudo aquilo de olhos fechados e me odiei por isso.

Vi o capitão me chutando do barco e depois me acolhendo como um filho pródigo. Nas noites frias, viramos irmãos: charuto, rock antigo e conhaque rolando no chão da cabine. Leonardo pequeno, franzino, quase morto, e depois, roncando com pizza no peito, coberto por uma toalha velha. O rádio chiando, a panela de feijão fervendo, o barulho da água no casco.

As risadas, as brigas.

O silêncio entre nós costurando o tipo de amor que só sabia doer.

Acendi o outro cigarro.

As mãos trêmulas, a boca seca, os olhos sem piscar.

Eu não podia chorar.

Pensei no tempo em que trabalhei com os intocáveis.

Mafiosos ricos que usavam ternos limpos e limpavam o sangue com lenços bordados. Uma vida de dinheiro, mulheres e promessas de poder... Eu podia ter ficado lá, mas eu sempre voltava para o barco.

Não importava quantos colchões luxuosos me oferecessem, lar não era onde se dormia. Lar era onde ninguém perguntava por que você ainda estava vivo.

Soltei a fumaça devagar, como se cada fio de nicotina sustentasse o que me restava e, ali, num canto esquecido por trás de uma mansão limpa demais, eu entendi:

Se Monroe morresse, não era só ele que seria enterrado. Era o laço.

A coleira.

A história.

A casa.

E no escuro, eu esperei como se segurasse a respiração embaixo d'água, na esperança de ver a luz do fim, sem saber se era o céu ou o fundo do mar.